

No fio da voz, o despertar do homem

Maria Auxiliadora Fontana Baseio

“Todo o meu saber consiste em saber que não sei.”(Sócrates)

Introdução

A consciência sobre a palavra é nosso ponto de diferenciação em relação aos animais. Em princípio, a palavra pode revelar uma verdade e, quando se tece em discurso, cria possibilidades e condições capazes de nos impulsionar a um fazer no mundo.

Vivemos hoje em um momento de colonização do Imaginário, de esvaziamento da capacidade imaginativa, de desencanto e esquecimento. O grande desafio, neste trabalho, é trazer à memória melodias orquestradas por vozes muito antigas, é inscrever, na turbulência dos ruídos, a voz poética que torna interpretável o que se vive. Para tanto, apresentaremos uma proposta estética e existencial para a formação da criança, por meio da Arte de contar histórias.

É oportuno esclarecer que nosso objetivo não é dialogar com educadores dogmáticos, portadores de absolutas certezas, mas com todos aqueles que têm a humilde postura de assumir que nada sabem diante das infinitas possibilidades do conhecimento e, por isso, reencontraram, dentro de si, o olhar inaugural e curioso da criança, capaz de a tudo perceber com profundo estranhamento.

Igualmente, buscamos interagir com seres humanos, que, de alguma maneira, acreditam que o fazer pedagógico, efetivamente, é uma estratégia para tornar a vida mais verdadeira e mais humana.

Como seres lacunares que somos, estamos em permanente busca. Talvez seja esta uma oportunidade de encontro.

A arte de contar histórias

Como toda arte, contar histórias é necessidade humana. Não existe povo sem narrativa. De tempos longínquos, ressoam enredos que seduzem o homem por cantar a vida ou a condição humana. Na tentativa de explicar o desconhecido e de dominar forças maiores que sua vontade, o homem

enreda discursos e enreda-se em discursos. Além disso, por ser inconcluso, o ser humano acaba por se julgar completo no momento em que deixa ressoar, no Imaginário, os ecos de um saber imemorial.

De certa maneira, narrar é uma forma de se redimir dessa condição faltosa. A palavra eufemiza esse estado incompleto, ao favorecer o diálogo com o outro, na tentativa de propiciar a descoberta de si mesmo. A capacidade humana de reter na memória o que é enunciado pela voz significou a forma mais avançada de preservar a cultura e transmitir o conhecimento nas civilizações que não desenvolveram a escrita.

As histórias abrigam uma força infinita e tanto o enunciador quanto os ouvintes compartilham do enredo, enlevados por uma vibração recíproca que emana da magia da própria palavra – matéria-prima do contador. Como o ato de fala nunca se repete, as narrativas sempre se transformam (e nos transformam) a cada momento em que são contadas. Assim, a história nunca envelhece (nem nós).

Dotado da capacidade de fabular, o homem é um ser narrativo por excelência e, portanto, capaz de penetrar na cadeia simbólica das palavras, de adentrar a dimensão silenciosa do verbo e ali descobrir o não-dito, descobrir-se nos infinitos vãos da palavra. Na civilização do ruído, a verdade se esconde no silêncio metafórico do verbo.

As primeiras narrativas ligavam-se ao estado de contemplação do mundo. Nos primórdios, aproximavam-se do mundo numinoso. Essa forma onírica de perceber a existência deu origem aos mitos – narrativas marcadas pela aura do sagrado.

Também ganharam forma os contos – de fadas e maravilhosos. Essas histórias abrigam um ambiente mágico de transcendência. A célebre frase “Era uma vez” constitui um convite para desprender-se das repetidas pegadas do mundo ordinário e embrenhar-se nas amplas cavernas do universo imaginário.

Os contos de fadas sintetizam o grande paradoxo existencial da morte e da vida, da dor e do amor. Eles nos sinalizam que a dor, irmã da morte, é condição para alcançar o verdadeiro fim de toda procura humana, o amor-vida, por isso, seu final é célebre: “Foram felizes para sempre”.

Mitos, contos, lendas, fábulas, há muitas formas narrativas para sinalizar que a palavra, vocalmente transmitida, favorece o diálogo harmonioso entre homens de tão distintas épocas. Pelo gesto vocal, as histórias atravessam os tempos e comunicam formas de linguagem, estilos, traços culturais, enfim, toda uma herança que, mesmo modificada, desenha os traços da cultura humana.

É curioso verificar que as efabulações aquietam a alma, uma vez que ali encontram ressonância. A história nunca chega ao fim, pois se prolonga na imaginação de quem a ouve e a ali se incorpora como um alimento para sua imaginação criadora.

A narração abre caminhos para o autoconhecimento, oferece a possibilidade de criar universos possíveis e de buscar permanentemente o estado de plenitude perdido.

Por tudo isso, pode-se afirmar que contar histórias é uma arte sem idade. Livre deve voar a imaginação, e consciente deve ser o contador da história a ser narrada.

Contar exige preparação, menos de um cenário externo, repleto de luzes e câmeras, e mais de um ambiente interno, envolto pelo canto da dor e do amor. Há dois movimentos imprescindíveis para essa tarefa artística: a confiança e a entrega. Confiança (do latim *con-fidere*) tem relação com fé, esperança, firmeza. Entrega relaciona-se à dedicação, à consagração. Ao dono da voz, cabe confiar em si e entregar-se ao fio da história. Ao ouvinte, cabe deixar-se levar até as sombrias florestas, penetrar nos misteriosos castelos, no ventre do lobo, para desvelar profundos segredos.

Não é missão muito fácil despertar no outro o desejo de buscar uma verdade, a menos que se esteja afetivamente envolvido com essa procura.

Vale lembrar que, desde os primórdios, as histórias, geralmente, eram contadas à noite, ao redor do fogo. Fogo e noite são elementos simbólicos. O fogo protege, aquece a alma, estabelece aliança, instiga a consciência (lembre-se do fogo que Prometeu trouxe aos homens). A noite, por sua vez, guarda mistérios. Tudo isso pode ser re-vivido no ritual mágico do gesto vocal, que torna possível resgatar crenças e valores de outras civilizações, ou seja, dialogar com povos do passado.

Todo narrador é um artesão, um criador dos fios da vida. Ele harmoniza a alma, o olhar, a mão no gesto de narrar. Circundado por uma atmosfera mágica, sua música se faz com palavras, sua partitura é a existência humana e seu instrumento é a voz. Assim se entoam as notas da vida.

Depois dessa breve exposição acerca do significado da arte de contar histórias, nosso intuito é trazer à memória uma narrativa, que, apesar das recomposições pelas quais passou ao longo do tempo, é capaz de acordar, em nós, imagens significativas o bastante para nos livrar do desencanto e do esquecimento, marcas ignóbeis de nossas relações na civilização moderna.

Enraizadas no Imaginário humano, as narrativas maravilhosas carregam temas universais, que podem nutrir a alma de nossas crianças (e por que não dos adultos) e possibilitar a construção de laços mais humanos, na medida em que fazem re-viver a herança sagrada, capaz de encantar nosso olhar sobre o mundo, sobre a vida e sobre nós mesmos.

Por considerar que todos ouviram, pelo menos uma vez, a história de João e Maria, julgamos desnecessário reproduzi-la aqui. Se o leitor quiser recordar alguns detalhes (e vale a pena), basta remeter-se à versão dos irmãos Grimm, sobre a qual construímos nossa análise.

A possibilidade de um encontro

João e Maria apresenta-nos uma problemática existencial. Por sua atemporalidade, desvela fragmentos do real que todo homem armazena em sua imaginação. Traz uma perspectiva totalizadora, religante, tal como a da visão poética. Por meio da dinamização arquetípica, engendra uma virtualidade que produz a renovação de toda a consciência alienada. Recoberta com uma roupagem mágica e simbólica, essa narrativa aponta-nos as linhas básicas do destino humano. Seu tema central é o da renovação da vida e do restabelecimento da ordem que triunfa sobre o caos. Isso aparece simbolizado pela luta das forças divinas contra as forças demoníacas – imagem recorrente em todas as culturas.

Há um redentor e um antagonista. Suas ações têm o caráter da experiência numinosa, que sinaliza o vínculo que une cada ser ao seu Princípio, mostrando o caminho da identidade, do equilíbrio primeiro, consagrando o ser em seu centro - momento em que a natureza divina se revela na essência humana, isto é, a iniciação.

A iniciação inclui uma série de etapas por que passa a alma ao longo da existência até que se chegue ao despertar espiritual. As provas, que se repetem até serem compreendidas, conduzem a um despertar e remetem ao drama do homem sobre a terra.

O herói se defronta com a morte. É o que sozinho se embrenha na floresta cheia de perigos. Enfim, contos como esse solicitam-nos em níveis profundos, pois nos falam com a linguagem viva do sagrado, convidando-nos a nascer de novo, ao abrir-nos para leis universais que nos libertam das prisões mais ordinárias.

Revivendo o conto “João e Maria”: notas de um percurso humano

Escolhemos a versão dos Irmãos Grimm por considerá-la uma recolha de grande qualidade artística, realizada pelos alemães, filólogos e eruditos, pesquisadores contumazes e fiéis à proposta de perenizar a vasta produção popular. O leitor encontrará palavras em negrito para facilitar a identificação das imagens simbólicas a serem analisadas segundo a nossa proposta.

A princípio, o conto apresenta-nos a família (lenhador, mulher e os dois filhos, João e Maria) localizada em uma casa no meio de uma grande **floresta**, que se constitui como um elemento simbólico. Formada por árvores – vínculo entre a terra, onde mergulham suas raízes, e o céu, para onde encaminham suas copas. A floresta é considerada um santuário natural. Por sua obscuridade e seu enraizamento profundo, também pode associar-se ao inconsciente .

Os nomes das crianças, **João e Maria**, por serem populares, podem remeter a qualquer indivíduo. São capazes de evocar a humanidade, uma vez que neles se fundem dois gêneros: feminino e masculino.

A **situação de privação** em que se encontram as pessoas – tema bastante recorrente nas narrativas maravilhosas – suscita a busca.

Ao descobrir que passaria por uma experiência difícil, João saiu de casa, em noite de **lua** muito clara, e recolheu pedras brancas, que brilhavam como moedas de prata – prenúncio do simbolismo lunar da renovação. A lua, em suas quatro fases: cheia, crescente, minguante e nova, aponta para o processo natural da regeneração. A **pedra** que o menino atira pelo caminho é elemento da construção material, por isso tem relação com o cérebro, com o crânio, com nossa parte mais dura, que representa o domínio do pensamento, o sistema neuro-sensorial.

No percurso até o meio da floresta, ao ser questionado por parar e marcar com pedras o caminho, o menino desculpa-se dizendo que está olhando o **gato** no telhado da casa. O gato simboliza aparência, mundo exterior; associa-se ao abuso dos bens deste mundo e também força e agilidade a serviço do homem para que triunfe sobre os inimigos ocultos. Entre os índios pawnees (América do Norte), o gato simboliza sagacidade, reflexão, engenhosidade, observação. Ao ir marcando o caminho com pedras, João põe à mostra a engenhosidade da razão.

As crianças (heróis) são tiradas da casa paterna – o que indica o caminho da alma que deve abandonar a filiação humana para encontrar a individuação, filiação divina – e abandonadas no lugar mais espesso da floresta, local desconhecido, espaço do caos, da noite cósmica, das revelações, lugar onde moram feras, forças negativas da própria natureza.

Ali, acendem uma **fogueira** – elemento simbólico ligado ao fogo interior. Trata-se do conhecimento penetrante, da iluminação. O fogo é prolongamento ígneo da luz, motor da regeneração, da purificação. Anuncia, simbolicamente, a busca do eu, do centro, do *self*, de acordo com a visão junguiana. Para Bachelard (1999), o amor é a hipótese para a reprodução objetiva do fogo, pois representa consciência da solidão. Antes de ser filho da madeira, o fogo é filho do homem. Segundo Paul Diel (1991), o fogo terrestre representa o intelecto, a consciência indicadora de que a purificação virá pela luz, pela verdade, pelo amor.

Depois que as chamas da fogueira estavam bem altas, quando a possibilidade de encontro com o céu se tornou mais visível, os pais foram embora.

As crianças jamais haviam enfrentado uma noite tão cerrada (caos, noite cósmica). Maria chorava e João pedia que tivesse calma, pois encontrariam o caminho marcado. À luz da lua, seguiram as pedras, signos indicadores do caminho e, simultaneamente, instrumentos de uma mensagem, recordação de um acontecimento.

A viagem mais perigosa ainda não havia acontecido, mas era inevitável e todos os elementos – lua, pedra, fogo - anunciavam isso. Seria mais cômodo ficar em casa (na ignorância) do que atravessar o bosque e enfrentar o mal, entretanto era preciso passar pela prova iniciatória para superar o mundo das aparências .

A volta à casa do pai concretizou-se por meio da pedra, do intelecto, do conhecimento conceitual; no entanto, a experiência numinosa é uma experiência íntima da alma, que só o pão é capaz de promover. Pão é semelhante à pedra no que se refere ao processo de construção, mas se diferencia quanto ao tipo de construção. Pedra remete à construção material, e pão, à construção espiritual.

A casa do pai é um ninho que simboliza o mundo familiar, social, e econômico. Os que escolheram a procura, o caminho para o Centro, devem abandonar o ninho e consagrarem-se à marcha para a verdade.

Surge nova escassez. As crianças ouvem novamente a conversa de que seriam abandonadas. João tenta pegar as pedras, mas a porta fechada mostra que esse não é o melhor caminho.

Na manhã seguinte, João marca outra vez o percurso, mas agora com pedaços de **pão**. Quando perguntado por que parava, dizia olhar o **pombo** no telhado. Pombo é símbolo de simplicidade, de pureza, significa o que o homem tem em si de imorredouro, o princípio vital, a alma, a centelha divina. A pomba mostra o destino dos homens – o universal, o transcendental superior, o mundo das estrelas, a origem de tudo.

Esse mesmo símbolo, mais adiante, desdobra-se em três: nos pássaros que comem o pão e possibilitam a busca, no pássaro que canta no arbusto e conduz à reclusão de João e à luta iniciática, e no pato que auxilia na travessia das águas como ritual de passagem.

O pombo, tal como o gato, é visto pelo menino e prenuncia o caminho de sua própria evolução.

A floresta que as crianças enfrentarão, dessa segunda vez, é mais cerrada, o que denota uma prova mais difícil. Trata-se de um lugar onde eles jamais haviam estado, um espaço que sugere o perigo do desconhecido, a descoberta do novo.

Foi feita uma grande fogueira. Novamente, mostra-se o caráter mítico, sagrado, purificador, celeste do fogo. Maria divide o pão com o irmão – revelando que a dificuldade pode ser compartilhada e que a experiência não é só individual, mas também coletiva. Liberdade se constrói, ao mesmo tempo, consigo e com o outro.

A lua aparece marcando a partida, desta vez, para a verdadeira maturação. Não há mais caminho de volta, os pássaros comeram o pão. A única saída é mergulhar no caos existencial e dele fazer um aprendizado.

Caminharam muito, passaram fome, ficaram exaustos, adormeceram debaixo de uma árvore. Novo simbolismo. No caminho da vida, há os que se contentam com as dores estereis que levam do nada ao lugar algum, mas há os que mergulham nas dores profundas e delas saem amadurecidos. Existem os que adormecem embaixo de uma árvore e nunca mais acordam e os que percebem o significado da árvore sob a qual dormiram.

A **árvore** é o eixo do mundo, pois faz a comunicação Céu – Terra, marca o caminho para o Centro. Representa a Árvore do Mundo, a Árvore Cósmica, a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. Dormir sob essa árvore é ter o sono adâmico, passar pela queda na temporalidade e pela separação.

Acordar na terceira manhã é uma antecipação importante. **Três** é número sagrado e aparece em todas as cosmogonias. São três lados do triângulo (O céu, a Terra, os Infernos). Três é o número perfeito, o princípio, o meio e o fim. É a base do princípio divino que está em todos os cultos. É a representação do filho, o regresso à comunidade, signo do retorno, purificação das formas inferiores.

João e Maria puseram-se a caminhar e, cada vez mais, aprofundavam-se na floresta com uma sensação de morte. O caminho da vida, a peregrinação para o Centro do mundo (e de si) passa pela morte ritual. Morre-se para a temporalidade para nascer na atemporalidade cósmica.

A imagem do pássaro branco, cujo canto seduz os irmãos, remete ao chamado que necessita ser ouvido. O vôo do pássaro leva-os ao mundo inferior: **a casa da bruxa**. Doce, bolo, açúcar atraem as crianças. Trata-se da sedução dos sentidos físicos, materiais, externos, terrestres, que direcionam para o sentido mais interno e espiritual: o sentido do Eu.

Comer telhados ou janelas revela que algo se abre às forças evolutivas e às influências espirituais. Vemos personagens imersas em uma luta contra suas paixões primárias. O apelo dos sentidos é uma prova iniciática. A alma que busca deve enfrentar provas para se iniciar nos mistérios do universo. A descoberta interior consciente permite que aquele que busca saia da escravidão da natureza primária com a qual o homem comum se sente totalmente identificado.

A **velha**, apoiada por uma muleta, apresenta-se como um ser aparentemente desequilibrado, incapaz de se sustentar. Ela revela uma fraqueza simulada, pois finge uma debilidade exterior para melhor dissimular sua força maléfica. Esse espírito malévolo do antagonista/agressor conduz a descida às obscuridades. É no mundo das trevas que as crianças penetram, no domínio da morte que os heróis se aventuram. Nova prova iniciática se desenha e dela devem sair vencedores.

Essas provas que trazem a luta entre o bem e o mal são reminiscências das provas iniciáticas e estão presentes em todas as culturas. São elas que marcam as transformações das personagens e dos indivíduos. Nesse momento, os heróis são impelidos, interiormente, por um esforço ascendente de transmutar os elementos mais grosseiros de sua natureza para chegarem a uma ordem após o caos. É preciso lutar frente a frente com o mal para ver a luz.

A velha lhes dá a mão e os leva para **dentro da casa**. Trata-se do caminho para dentro de si mesmo. Retorno ao útero, simbolismo do regresso ao ventre, que tem sempre um valor cosmológico. É a regressão ao modo virtual pré-cósmico, ou seja, anterior à criação do mundo. É como ser fechado na cabana iniciática. Conseguir sair dessa cabana equivale a uma cosmogonia, uma nova criação do mundo – repete-se o modelo exemplar arquetípico do nascimento – do mundo e do próprio.

Essa idéia de que a vida vem da escuridão abissal é tema mitológico. A morte é o fim, a escatologia; o nascimento é o início, a cosmogonia. Essas imagens assemelham-se ao enredo mítico-ritual do Ano Novo. A renovação cósmica assegura a recuperação do Paraíso Perdido. A trajetória feita pelas crianças imita o correr dos dias no ano e implica o distanciamento do princípio e, ao mesmo tempo, a perda da perfeição inicial. A entrada na casa sombria de doces equipara-se à sensação depressiva dos últimos dias do ano, que se identificam com o caos da pré-criação. A passagem do ano é a travessia do caos ao cosmos, das trevas à luz. Assim, o ato cosmogônico se repete.

Há uma equivalência desse simbolismo do Ano Novo com o simbolismo lunar já mencionado. O ritmo lunar, tão relevante para o homem primitivo, é capaz de marcar não só intervalos curtos (mês, semana) como também longos períodos (nascimento, crescimento, decrepitude e desaparecimento da humanidade). Assim, à medida em que uma nova lua aparece, ressurgue uma humanidade renovada.

Dentro da casa, a bruxa oferece às crianças leite, bolo, maçã e nozes – elementos simbólicos diferentes do açúcar que envolvia externamente a casa. **Leite** é poção de vida, primeiro alimento, símbolo de abundância, de conhecimento, caminho da iniciação, da imortalidade. **Bolo** corresponde ao simbolismo do pão analisado anteriormente. Evoca amadurecimento espiritual. **Maçã** remete ao fruto da Árvore da Vida ou do Conhecimento do Bem e do Mal. Traz o conhecimento unificador, a liberdade. Fruto da revelação, da magia, a maçã é igualmente símbolo da escolha: o caminho da espiritualidade ou o dos desejos terrestres. **Nozes**, por sua semelhança com o cérebro, podem se associar também ao conhecimento. Ovo Cósmico, aquele que contém o germe e a partir do qual se desenvolverá a manifestação. É símbolo universal e explica-se por si mesmo. Símbolo da perfeição, o masculino e o feminino, o yin e o yang. Representa o poder criador da luz. Cada metade representa Céu e Terra, as águas superiores e as inferiores.

Ao trancar João na estrebaria, atrás de uma porta gradeada, a bruxa realiza o ritual da reclusão, ou seja, uma outra prova a que o herói deve se submeter. Depois de tentar engordá-lo, e mesmo sem conseguir, a mulher de olhos vermelhos e faro de animal, resolve comê-lo. Maria enche o **caldeirão enorme de água fervente** para poder jogar João. Um cozimento mágico e demoníaco ocorrerá. É o que na literatura céltica se conhece como o caldeirão da ressurreição, dentro do qual se jogavam os mortos para que ressuscitassem no dia seguinte. Trata-se de uma morte cósmica. O caldeirão reaparece em muitas lendas helênicas e remete a uma operação mágica destinada a conceder àquele que sofre a provação, virtudes diversas, a começar pela imortalidade. É um mito de caráter iniciático, explicativo e interpretativo dos perigos que ameaçam as crianças e está ligado profundamente a práticas muito arcaicas. Ele é meio de ressurreição, é prelúdio ao nascimento de um novo ser por meio da morte e da cocção. Tudo isso, por mais sombrio que pareça, é prenúncio de renovação da vida para as crianças.

Também o forno é aceso para auxiliar na cocção. No entanto, é Maria quem atira a bruxa no forno e ela morre. Fica representado, assim, o triunfo do bem sobre o mal, da ordem sobre o caos,

momento alegórico da passagem iniciática. **O mal deve ser vencido** para que a ordem se restabeleça. Com a morte da bruxa, os dois irmãos se salvam, conquistam a própria liberdade, representada como um **tesouro**: arcas cheias de pérolas e pedras preciosas. O trabalho interior consciente leva aquele que busca a livrar-se da escravidão cotidiana e encontrar-se com o sagrado, com a revelação divina, essência de toda espiritualidade.

O herói é o representante do ritual de iniciação, é aquele que triunfa sobre as forças ocultas. Ele se salva e salva os irmãos, genericamente a humanidade. Realizada a prova, volta enriquecido interiormente, por isso, traz consigo o tesouro, a extraordinária luz.

As **pérolas**, segundo Chevallier e Gheerbrant (1996), são símbolos lunares ligados à água. Remetem ao conhecimento que uma arriscada procura possibilita. Não é dom gratuito do céu. É aquisição após longas provações. Possui caráter moral e espiritual. É sublimação dos instintos, espiritualização da matéria. Representa o atributo de uma perfeição não dada, mas adquirida por transmutação. Refere-se ao conhecimento que exige esforço, luz intelectual no coração. Quando o gnóstico encontra a pérola, a tarefa de sua vida está completa. É o Graal, a Pedra Filosofal. Nos mitos persas, a pérola está associada à manifestação primordial. É símbolo da iluminação, do nascimento espiritual. A procura da pérola¹ é a busca da essência mais sublime oculta no Eu.

Os irmãos vencem o medo e percorrem toda a casa. Percorrer a casa é conhecer a si próprio, é chegar ao Centro(de si).

Maria enche os bolsos das valiosas lembranças – recordação do mundo primordial. Para sair dali, devem atravessar um grande e largo rio. Essa imagem remete à simbologia da travessia das águas – um ritual de passagem, de um modo de ser existencial a outro.

A **água** é o reservatório da possibilidade da existência. Ela precede toda forma e suporta toda criação. O contato com ela implica regeneração, possibilidade do novo. É receptáculo de toda virtualidade, fluida por excelência, suporte do devir universal. Na correnteza das águas, tudo se encaminha.

Já a **travessia** das águas é tema mitológico e aparece em muitas culturas. Na travessia de uma margem à outra, dois estados: o fenomenal e o incondicionado, o mundo dos sentidos e o da não vinculação. Na margem oposta, o estado do além do ser. No grande e largo rio cósmico, tudo vem e tudo retorna. No rio universal e no rio de cada um.

O **pato**, por sua vez, é o animal que auxilia na travessia. Nota-se que atravessa uma criança de cada vez, porque a descoberta é individual. Para os índios da pradaria americana, o pato é guia

¹ Vale diferenciar pérola de pedra. Pedra resgata materialmente a terra, reino da mortalidade, mundo dessacralizado. Pérola remete espiritualmente ao céu, à imortalidade, à re-ligação com o reino sagrado. A imagem arquetípica da pérola evoca algo puro, oculto nas profundezas, difícil de atingir. Pérola é Luz. Ela marca a passagem do mundo inferior para o superior, do caos à ordem.

infalível, tão à vontade na água quanto no céu. Símbolo da união, da força vital. O pato branco vincula-se ao cisne, ave imaculada, cujo poder e brancura refletem a epifania da luz.

Após a travessia, a floresta torna-se mais familiar, mais conhecida. Percebe-se que a consciência foi despertada. Assim o retorno à casa do pai finalmente acontece; no entanto os indivíduos já estão renovados, enriquecidos, donos de seu próprio eu.

O pai diz não ter tido nem um dia de alegria desde que abandonara os filhos. Pai é signo de posse, inibidor, castrador (tanto que se apresenta como lenhador – o que corta a madeira). Ele representa toda forma de autoridade, chefe, protetor. Segundo Chevallier, o papel paternal é desencorajador dos esforços de emancipação, e exerce uma influência que limita, priva. Também simboliza a consciência diante dos impulsos instintivos. O pai é não só o ser que alguém quer possuir, mas também a pessoa que se quer vir a ser. Esse progresso passa pela morte do pai - outro e o renascimento do pai - eu mesmo.

Por conseguirem vencer todas as lutas e conquistarem a si próprios, as crianças espalham pérolas pela casa, enriquecendo a todos, e assim, vivem felizes para sempre.

Segundo Campbell, a aventura do herói, que é sempre iniciática, segue o percurso: separação, iniciação e retorno. Os heróis dessa conhecida história são tirados da casa paterna, passam por provas iniciáticas até chegarem à individuação, à autoconsciência. Eis o despertar do homem.

A missão do educador: afinar os instrumentos

Na escola, muitas vezes, o professor assume o papel de contador de histórias e sua trajetória também é iniciática. Se ele não nasceu com o dom da palavra, uma solução possível é desenvolver-se com o uso das técnicas. Para tanto, é necessário confiar em si e entregar-se ao novo, ousar, arriscar-se à criação.

É muito comum o educador não saber o que contar aos alunos. A escolha do texto pode seguir alguns critérios, a saber: assunto (relacionado à realidade do aluno, contextualizado), idade, objetivo (que a ocasião requer), valores (respeito, ética, justiça, liberdade etc.). Acima de tudo, o contador deve ter sua sensibilidade despertada para a história que vai contar, para que possa entregar-se a ela. Deve também diversificar propostas, contando mitos, lendas, contos populares, contos de fadas, contos maravilhosos, fábulas e outros.

Uma outra questão que inquieta o educador é como contar. A primeira pista é criatividade, a segunda é imaginação, a terceira é originalidade, a quarta e última é técnica. Técnica se aprende.

Para contar, o principal instrumento é a voz. Há acessórios, por exemplo, fantoches, gravuras, panos (tules), instrumentos musicais, dobraduras, massinhas, sombras (teatro de sombras), e tudo que a

imaginação do educador vislumbrar. Com pensamento mágico, tudo pode virar tudo. E a criança bem sabe disso. Basta ser um pouco criança.

Na narração, é preciso deixar as palavras fluírem. A naturalidade depende da segurança, que é adquirida por meio da certeza de que se conhece a história, de que se domina a técnica e se está preparado para contá-la. É preciso ser simples, sóbrio nos gestos, equilibrado na expressão corporal.

Contando com emoção, o narrador entra em sintonia com o auditório. A emoção é transmitida pela voz, uma voz definida, inconfundível, modulada de acordo com o que se conta. Cenas de ação são mais rápidas, por exemplo. Boa dicção, correção da linguagem, repetições são desnecessárias, tiques devem ser evitados (é, aí então, etc.). Em nenhum momento, o narrador deve interromper a narrativa. Se há um adendo, confirma-se com um sorriso, ou apenas com os olhos.

Outra indagação que instiga a mente do educador é o que fazer depois de contar a história. Muitas vezes, nada. É oportuno deixar que a criança apenas se encante, deleite-se com a história, é imprescindível permitir que as imagens criem ressonância na alma da criança. Muitas vezes, pode-se encaminhar atividades que possibilitam a expressão dos sentimentos dos alunos. Isso pode ser feito pela associação da história com outras práticas artísticas, a saber: dramatizações, desenhos, pintura, recorte, dobraduras, modelagem, criação de outros textos orais, escritos, e assim por diante.

Jamais se pode explicar a narrativa ou torná-la uma lição de moral ou, ainda, fazer dela cobrança em prova. Não se explica a narrativa, porque o pensamento da criança é mágico. Ela apreende o mundo poeticamente, por metáforas, não por argumentos racionais. Também não vale lição de moral, porque a verdadeira lição vem da vida e não do dedo indicador. Prova? Prova é o que temos que passar para conquistar a nós mesmos.

O grande desafio hoje é despertar educadores para a importância de contar histórias, que não sejam explicadores de histórias, mas porta-vozes do vir-a-ser, capazes de transportar o ouvinte para as infundáveis e encantadas fortalezas do Imaginário.

A missão do educador é simples: educar, isto é, contribuir para que o aluno desenrole o fio vida e teça seu caminho, enredado no fio do outro, partilhando de uma trama luminosa. O educador é o mais recente evocador do canto mágico das histórias, por isso precisa tomar consciência de que contar histórias é muito mais do que divertir. A verdadeira arte não é só aquela que diverte, mas é sobretudo aquela que nos põe em harmonia com o compasso da vida, aquela que nos leva do encanto ao encontro.

Enquanto houver contadores e histórias, haverá possibilidades de ser. Cabe ao educador desobstruir os canais e afinar as cordas para que, em plena sociedade do ter, ouçam-se os acordes permanentes da sociedade do ser. Que a consonância de verbo e corpo possa sensibilizar para uma melodia nova, capaz de trazer alegria auditiva a toda uma geração e que, atavicamente, ressoem os ecos desse concerto para infinitas gerações vindouras. Eis o alcance do fio da voz.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DIEL, Paul. **O simbolismo na mitologia grega**. São Paulo: Attar, 1991.

Sugestões de leitura

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 7ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. Valendo-se de uma abordagem freudiana, o autor nos apresenta significados bastante interessantes de uma série de contos de encantamento.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10. ed., São Paulo: Cultrix, 1997.

Reconhecido autor pelos estudos de mitologia, nessa obra, Campbell põe à mostra a trajetória do herói como um percurso iniciático.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil-juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

Obra recente voltada para a área da Pedagogia e da educação, em que a autora faz reflexões sobre a arte de narrar e propõe sugestões para trabalhar as narrativas em sala de aula.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Allain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. trad. Vera da Costa e Silva *et al.* 10. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

Esta é uma obra imprescindível para quem trabalha na área das artes, em especial a literatura. Oferece as mais profundas informações sobre os inúmeros símbolos presentes em todas as culturas.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1997.

Nesta obra, a autora discute os segredos e as técnicas da arte de narrar e relata práticas que deram certo em sala de aula.

COELHO Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 2.ed., São Paulo: Ática, 1991.

Esta obra introduz conceitos fundamentais para o entendimento do conto de fadas e é de singular importância para aqueles que procuram uma consciência de seu fazer pedagógico.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

Trata-se de uma obra teórica na área da antropologia cultural que apresenta valor reconhecido para que o educador possa se relacionar mais intimamente com os conteúdos a serem transmitidos a seus alunos.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura infantil-juvenil**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

Esta obra, cuja leitura é imprescindível a todo educador, versa sobre assuntos diferenciados da Literatura Infantil. Traz à reflexão conceitos relacionados à literatura infantil e traça tipologias das narrativas infantis em uma abordagem atualizada.

GRIMM, Jacob et Wilhelm. **Contos de Grimm – obra completa**. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Vila Rica, 1994. (Grandes obras de cultura universal, v.16).

O livro traz uma infinidade de contos de fadas e maravilhosos recolhidos da memória popular e organizados com a mais alta qualidade artística.

MACHADO, Irene A. *Literatura e Redação*. São Paulo: Scipione, 1994.

A autora apresenta-nos informações e reflexões sobre vários tipos de narrativas da tradição oral. Trata-se de uma obra de inestimável valor para formação de futuros educadores.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz.: a literatura medieval*. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo, Companhia das Letras: 1993.

Este é um livro com bastante densidade teórica que propiciará ao educador conhecer significativamente a trajetória humana da sociedade marcada pela oralidade á sociedade pautada pela escrita.

Dora Fontana Baseio, professora universitária de Literatura Brasileira, é doutoranda em Teoria Literária, mestre em Letras e bacharel em Letras e Ciências Sociais.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.